



A EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR:  
BENEFÍCIOS E ENTRAVES

Bruna Dal Sotto

Caxias do Sul, 2021

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE PSICOLOGIA

**A EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR:  
BENEFÍCIOS E ENTRAVES**

Trabalho apresentado como requisito parcial  
para Conclusão de Curso de Graduação em  
Psicologia, sob a orientação da Profa. Dra.  
Tânia Maria Cemin

Bruna Dal Sotto

Caxias do Sul, 2021

## AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

É notável o quanto mudamos ao longo do curso, nos transformamos de detalhe em detalhe, aos poucos, até olharmos para trás e não reconhecermos quem éramos no início e muito disso reflete em meus agradecimentos. Inicialmente, desejo agradecer a algo ou alguém que eu, ao iniciar o curso, duvidava da existência, e ao final dele possuo a certeza de que só estou aqui pela força e determinação que a mim foram dadas por ele, Deus, ou seja lá como você deseja chamar e não faria sentido agradecer primeiramente as pessoas, visto que foi ele que me proporcionou conhecê-las. Ninguém cruza seu caminho sem propósito e nenhum encontro é mero acaso.

Às professoras e professores, vocês também são parte disso, todos, cada um com seu método, dinâmica, disciplina e conhecimento, sem vocês não seria possível. Porém, não posso deixar de agradecer especialmente a Profa. Tânia Maria Cemin, minha orientadora, que esteve presente em cada parágrafo deste trabalho, dedicou-se em cada linha e tornou-se parte fundamental para a sua existência e completude.

Seguindo, gostaria de agradecer aos amigos e conhecidos que fizeram parte de todo o processo de minha formação, sejam mais próximos como Patrícia Mazzochi Pohlmann, que é meu sinônimo de cumplicidade; aos que se fazem presentes mesmos distantes, como Matheus Bortoluz; aos que me ensinaram que frequência não é sinônimo de importância, como Hellen Dalla Santa Prux; aos que se fazem distantes mesmo por perto e aos que deixaram suas marcas em mim e em minha história e partiram. Uma de minhas tatuagens é o sinal gráfico de reticências, que significa “tudo e todos que passaram por sua vida permanecem em ti de alguma forma”. Vocês fazem parte de quem sou e, por isso, sou grata.

À minha noiva, Rebeka Rech Ulian, desejo agradecer pela simplicidade de, enquanto todos em volta desejavam me aconselhar das mais variadas formas, olhar em meus olhos e dizer “Vai ficar tudo bem, vai dar tudo certo, você vai conseguir, você sempre consegue”, pois, às vezes, era só o que eu precisava ouvir. A ela agradeço por ser tanto mesmo quando eu fui pouco, por entregar 60% quando eu só pude entregar 40%, por me ensinar o que é permanência quando eu só conhecia despedidas e por me proporcionar estabilidade quando eu só conhecia inconstâncias. Agradeço por ser a única pessoa que é tão compreensiva quanto eu e, mesmo quando eu perdi o caminho, ter feito questão de me lembrar todos os dias onde é o meu lar.

Dedico à minha avó, Leda Longhi.

Há sete anos, eu iniciava na Universidade, assim como também começava a dormir e cuidar de você, a jornada mais encantadora e desafiadora da minha vida. Quando eu era adolescente, eu possuía o desejo de mudar o mundo inteiro e você me ensinou que mudar o mundo das pessoas ao seu redor também é mudar o mundo. Minha vó, você me ensinou muito mais do que qualquer curso poderia e me proporcionou muito mais do que qualquer diploma conseguiria. Quando o desânimo e o cansaço tomavam conta, você dizia “que bom que você chegou, eu estava te esperando, eu preciso de você, eu te amo, volte logo” e nesses momentos eu me renovava e entendia que eu tinha mudado o seu mundo, assim como você mudou o meu e isso bastava. Vó, você me deu um propósito, cuidar das pessoas, e a Psicologia é uma das diversas formas que encontrei de poder fazer isso. Sou grata por cada momento ao seu lado, você fez de mim não só uma profissional melhor quanto um ser humano melhor.

Dedico ao meu pai, André Dal Sotto, e ao meu irmão, Vinícius Dal Sotto. Por mais que eu não compartilhasse tantas experiências e dificuldades da Universidade com vocês, ter a certeza que vocês me apoiariam e estariam comigo caso necessário foi motivo de alívio e tranquilidade.

Dedico à minha mãe, Patrícia Dal Sotto.

Durante a adolescência eu fiz de tudo para ser diferente de ti; hoje, comemoro a cada traço meu que me lembre você e a cada característica minha que também seja sua. Hoje me reconheço em suas palavras, me enxergo em suas atitudes e reproduzo suas ações. Hoje entendo teus discursos, compreendo tuas lutas e me identifico com a tua essência. Me ver em você hoje é rotina e que sorte a minha te pertencer em mim. Um dos teus sonhos era formar teus filhos e hoje estamos a um passo de concretizá-lo. Teu outro sonho era cursar Psicologia e hoje você realiza em mim. Mãe, não é segredo que sem você nada disso estaria acontecendo, agradeço por tanto. Hoje sigo teus passos e prometo que cada batalha terá valido a pena e que teus esforços não foram em vão. Mãe, hoje você se forma comigo e realiza teus sonhos ao realizar os meus.

## SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.....	8
OBJETIVOS.....	10
Objetivo Geral.....	10
Objetivos Específicos.....	10
REVISÃO DE LITERATURA.....	11
Desenvolvimento Cognitivo e Psicosssexual.....	11
Breve Caracterização da Sexualidade e Contexto Escolar Quanto à Educação Sexual.....	15
MÉTODO.....	23
Delineamento.....	23
Fontes.....	23
Instrumentos.....	25
Procedimentos.....	25
Referencial de Análise.....	26
RESULTADOS.....	27
DISCUSSÃO.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Estágios do Desenvolvimento de Piaget.....	11
Tabela 2. Fases Psicosexuais do Desenvolvimento.....	14
Tabela 3. Temas Adequados para Discussão em Cada Faixa Etária.....	21
Tabela 4. Categorias de Análise e Respectivos Trechos – <i>C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor</i> .....	27
Tabela 5. Categorias de Análise e Respectivos Trechos – Documentário: Sala de Aula - Educação Sexual.....	31

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso busca identificar possíveis benefícios e entraves do ensino da sexualidade no ambiente escolar para crianças e adolescentes, abordando aspectos fundamentais sobre o ensino da sexualidade de acordo com a faixa etária. Para atender ao objetivo deste trabalho, buscou-se primeiramente conceituar aspectos psicológicos essenciais do desenvolvimento na infância e na adolescência, priorizando um possível entendimento, por meio de autores como Piaget, para maior compreensão do desenvolvimento cognitivo de cada estágio do desenvolvimento, e Freud, analisando principalmente a sua obra *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, visando uma maior compreensão do desenvolvimento psicosexual. Após isso, de forma a buscar um maior entendimento sobre o contexto educacional brasileiro, foram trazidos dados do Anuário de Competitividade Mundial e, para evidenciar e conceituar o ensino da sexualidade, foram analisados os Parâmetros Curriculares Nacionais, na visão de diversos autores. A revisão de literatura é composta por capítulos de livros clássicos, além de artigos científicos publicados entre os anos de 1905 a 2020. Como fonte de análise desta pesquisa, foi utilizado o filme: *C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor*, o qual apresenta a vida de Zac, um garoto homossexual, desde seus primeiros dias de vida até o início da sua vida adulta, sem ter contato com qualquer educação sexual ao longo de sua trajetória; e o documentário *Sala de Aula - Educação Sexual*, que retrata a relevância de abordar o tema da sexualidade no contexto educacional. Além disso, os dados coletados foram organizados em forma de tabela, a partir da definição *a posteriori*, sendo três categorias em relação ao filme e dez em relação ao documentário. A discussão diz respeito a uma grande integração, tanto das categorias dos dois artefatos culturais quanto de aspectos teóricos da revisão de literatura, com o intuito de articular o envolvimento do problema de pesquisa. De modo geral, identifica-se as dificuldades e a necessidade de maior orientação na área da sexualidade em escolas.

Palavras-chave: sexualidade, educação, educação em sexualidade

## INTRODUÇÃO

As discussões referentes ao ensino sexual nas escolas são sempre acompanhadas de desconfiança, preconceito e desconforto por parte da população. Isso, pois a sexualidade ainda é um tabu, principalmente, quando se refere à educação sexual voltada para as crianças e adolescentes, o que, por muitos, ainda é considerada uma temática imprópria. O tabu da sexualidade se faz presente ao longo da história da humanidade como um termo relacionado a fatos horríveis, imorais e obscenos, ressoando até os dias atuais (Chauí, 1984).

A escolha pelo tema deste Trabalho de Conclusão de Curso se deu devido ao interesse a respeito de como a sexualidade e tudo o que ela envolve ainda é um tabu na sociedade, principalmente, quando o assunto é destinado às crianças e adolescentes. Apesar de existirem debates acerca do tema, torna-se importante ressaltar os possíveis benefícios que o ensino sexual pode trazer para essas fases do desenvolvimento e como esse assunto se perpetua ao longo da vida desses jovens.

No decorrer do curso de Psicologia, na disciplina de Teoria Psicanalítica, tive meu primeiro contato mais profundo com o desenvolvimento psicosssexual humano em cada faixa etária, a partir da perspectiva de Freud. Me surpreendi ao conhecer aspectos particulares de cada uma das fases e o que estas acarretam na vida dos indivíduos. Por esse motivo, me interessei em intensificar meus conhecimentos nessa área.

Na disciplina de Bases Biológicas do Comportamento, estudamos a sexualidade humana e suas múltiplas possibilidades. Durante o semestre, nessa disciplina, pude perceber que as dúvidas em torno desse tema eram diversas, o que me remeteu a uma realidade que já possuía conhecimento. O estudo sobre a sexualidade humana deve ser ainda muito explorado, o que se confirmou durante os dois anos em que realizei meu estágio no Centro Especializado de Saúde (CES) – Infectologia, o que despertou meu interesse em estudar essa temática, a fim de adquirir mais conhecimentos.

A escolha por investigar a importância do estudo da sexualidade humana por crianças e adolescentes se dá por me deparar com a realidade que aponta pouco conhecimento e/ou informações inadequadas. Além disso, destacam-se os possíveis impactos sociais e individuais tanto nessas etapas do desenvolvimento quanto, posteriormente, ao longo da vida dos indivíduos. Acredito que discutir esse assunto pode possibilitar melhorias não só no ensino escolar básico, como também ressoar

positivamente na sociedade como um todo.

Para Suplicy et al. (1999), a sexualidade é um processo formal e sistemático que se propõe a preencher lacunas de informações, erradicar tabus, preconceitos e abrir discussões sobre as emoções e os valores que impedem o uso dos conhecimentos na área da sexualidade. No sentido da sexualidade enquanto um tabu, Foucault (1988) refere que:

[...] se há tanta gente, atualmente, a afirmar essa repressão, é porque ela é historicamente evidente. E que se falam com uma tal profusão e há tanto tempo, é porque essa repressão está profundamente firmada, possui raízes e razões sólidas, pesa sobre o sexo de maneira tão rigorosa, que uma única denúncia não seria capaz de liberar-nos; o trabalho só pode ser longo (p. 15).

Ao contrário da opinião popular, a sexualidade vai muito além do ato sexual em si, é o ser e o estar do indivíduo, é o ser como sujeito no mundo, seus afetos, interesses, sentimentos e emoções. Trata-se de toda e qualquer experiência de socialização do indivíduo para com o mundo e, para Souza (1999), discorrer sobre ela é dar a chance do indivíduo ter conhecimentos sobre seu corpo, sua identidade e seu papel, além do entendimento do que é permitido ou desaconselhável na sociedade em que vive.

Segundo Gagliotto (2009), a sexualidade configura-se em uma das dimensões humanas mais complexas. Essa complexidade decorre do fato desta se constituir de um elo entre aspectos subjetivos do ser humano (filosóficos, sociais, históricos, antropológicos, pedagógicos e psicológicos) e aspectos biológicos (genéticos, reprodutivos, identidades genitais).

Figueiró (2006) considera educação sexual toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, abrangendo o conhecimento de informações básicas, discussões e reflexões de valores, sentimentos, normas e atitudes ligadas à vida sexual. Corpo, gênero e sexualidade estão presentes em todos os momentos e em todas as atividades e interações escolares e não-escolares das crianças, influenciando diretamente em sua maneira de viver, de ser e de se projetar no mundo. A sexualidade, ainda, pode ser vista como “a base da curiosidade, a força que nos permite elaborar e ter idéias, bem como o desejo de ser amado e valorizado à medida que aprendemos a amar e a valorizar o outro” (Britzman, 1998, p. 162).

Diante disso, o presente Trabalho de Conclusão de Curso se propõe a responder o seguinte problema de pesquisa: Quais os possíveis benefícios e entraves do estudo da sexualidade no ambiente escolar para crianças e adolescentes?

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

Identificar possíveis benefícios e entraves do ensino da sexualidade no ambiente escolar para crianças e adolescentes.

### **Objetivos Específicos**

Abordar aspectos fundamentais sobre o ensino da sexualidade, de acordo com a faixa etária;

Caracterizar aspectos psicológicos essenciais do desenvolvimento na infância e adolescência;

Apresentar o contexto educacional na atualidade, evidenciando o ensino da sexualidade.

## REVISÃO DE LITERATURA

### Desenvolvimento Cognitivo e Psicosssexual

Antes de se pensar sobre qualquer abordagem com crianças e adolescentes, é necessário uma maior compreensão das fases do desenvolvimento e suas particularidades. Em relação aos aspectos cognitivos do desenvolvimento, segundo Piaget (1973), há quatro estágios delimitados, sendo que ao longo do processo a criança se adapta de forma mais satisfatória ao mundo ao seu redor.

A inteligência, para o autor, modifica-se à medida que a criança se desenvolve e parte de um *continuum* entre reflexos biológicos, movimentos espontâneos e hábitos adquiridos até realizar operações abstratas. Assim, o processo de conhecimento surge a partir das informações recebidas e absorvidas do meio; da assimilação das informações, quando já registradas na memória; e da interação com o mundo em sua totalidade, a partir da assimilação dessas informações (Piaget, 1973).

A respeito dos quatro estágios do desenvolvimento da criança propostos por Piaget (1973), ressalta-se que todo estágio que antecede o próximo é condição necessária para que este se concretize. Tais estágios estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1

#### *Estágios do Desenvolvimento de Piaget*

Estágios/faixa etária	Definição
Sensório motor (0 – 2 anos)	Momento em que o bebê procura obter e assimilar informações a fim de compreender o mundo que o cerca, aprimorando suas habilidades de acordo com o que o meio tem a lhe oferecer, conforme suas próprias percepções. Também é a etapa de desenvolvimento das suas ações motoras e da maturação do Sistema Nervoso Central (SNC).
Pré-operatório (2 – 6 anos)	Fase em que a criança passa a se utilizar de diversos símbolos, assim como começa a realizar representações por meio de brincadeiras. Nessa fase do desenvolvimento, é possível identificar o egocentrismo, já que a criança está voltada e centralizada para si e para as suas necessidades. Apesar disso,

também ocorre o início da linguagem, na qual ela se comunica por meio da fala, de gestos, de desenhos e de brincadeiras. Trata-se do início do seu ser social.

Operatório concreto (7 – 11 anos)	Etapa em que a criança encontra-se saindo do egocentrismo, torna-se capaz de olhar os outros e as necessidades das pessoas em seu meio. Nesse período, a criança já é possibilitada de realizar ações concretas e mentais, como adição e subtração, por exemplo.
Operatório formal (12 anos em diante)	Fase em que o adolescente é capaz de raciocinar logicamente e estabelecer seus próprios conceitos abstratos, como o amor, a felicidade, o orgulho, a tristeza, entre outros. É apto a raciocinar de forma hipotética e dedutiva, organizando ideias, eventos e objetos. Torna-se mais consciente sobre si mesmo e sobre os outros, questionando seus próprios pensamentos e valores e refletindo acerca de si e do mundo ao redor, a fim de encontrar o que lhe faz mais sentido.

No que diz respeito à fase escolar, no estágio operatório concreto e, posteriormente, no operatório formal, a criança apresenta a capacidade de raciocinar sobre o mundo e o meio, de forma mais lógica, se aproximando do raciocínio adulto, porém, por meio de experimentação, como tocar e observar, por exemplo (Piaget, 1973). Em termos qualitativos, é nessa fase que há maior desenvolvimento. Piaget (1973) defende que, ao final desse período, deve haver um repertório comportamental já estabelecido na maioria das crianças. Dentre eles: pensamento espacial (calcular distâncias, saber ir e voltar da escola, calcular o tempo de ir e vir de algum lugar, decifrar mapas); noção de causa e efeito (saber que atributos afetam um resultado); classificação e seriação (organização de objetos em categorias, em classes e subclasses); raciocínio indutivo (parte de fatos específicos, particulares, para conclusões gerais); noção de conservação (a quantidade é a mesma independente da forma) e habilidade para lidar com números, solucionando problemas matemáticos que envolvem as quatro operações.

A partir dessas habilidades, a criança está em fase de maior avanço cognitivo e, conseqüentemente, com uma maior capacidade de compreensão dos conteúdos abordados

em sala de aula, assim como regras sociais e regras de jogos mais complexas. Todavia, para que isso ocorra, o ambiente deve oportunizar situações para que essas habilidades se desenvolvam com maior facilidade.

Na visão Piagetiana, a transição de um período a outro necessariamente provoca um desequilíbrio temporário que, posteriormente, dá lugar a uma forma superior de raciocínio. Desta maneira, no início de cada nova etapa, verifica-se uma predominância da assimilação sobre a acomodação, o indivíduo incorpora a realidade a partir das estruturas que já possui. Pouco a pouco, através de um processo gradual, as estruturas internas tornam-se adequadas à realidade, atingindo assim, um equilíbrio maior. (Rappaport, 1981, p. 69)

Em relação ao desenvolvimento psicosssexual, ao analisar a obra de Freud, *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, Ferreira (2014) enfatiza a concepção de que o sujeito se relaciona com a satisfação da pulsão sexual, delineando o desenvolvimento psicosssexual infantil. Dessa forma, na teoria freudiana, há a explicação de que as crianças obtêm prazer em atividades cotidianas ligadas ao corpo, como a sucção – seja ela do peito materno, do bico ou da mamadeira – a defecação e, também, a masturbação. Freud (1905/1996) afirma que:

[...] vendo uma criança que tenha saciado seu apetite e que se retira do peito da mãe com as bochechas ruborizadas e um sorriso de bem-aventurança, para cair em seguida em um sono profundo, temos que reconhecer neste quadro o modelo e a expressão da satisfação sexual que o sujeito conhecerá mais tarde. (p. 1200)

Freud (1905/1996) utiliza, como fundamento da sexualidade infantil, a disposição perverso-polimorfa. Isso significa que as manifestações da criança são perversas por não possuírem relação com a reprodução e são polimorfas por não estarem centralizadas em um objeto sexual. Portanto, assumem formas variadas de satisfação, seja por meio das zonas erógenas, pele ou outros prazeres corporais. Dessa forma, o corpo da criança é tomado por pulsões parciais autoeróticas, isto é, pulsões sexuais fragmentadas e independentes entre si em relação à busca por satisfação. A obtenção desse prazer é encontrada no próprio corpo e não em um objeto externo.

A partir da caracterização da vida sexual infantil, Freud (1905/1996) propõe uma organização sexual por meio de quatro fases de desenvolvimento – oral, sádicoanal, fálica e genital – que vão culminar na vida sexual adulta, em que as pulsões, antes parciais, ficarão sob o domínio da zona genital. Essas fases de desenvolvimento estão dispostas na

Tabela 2, conforme Freud (1905/1996).

Tabela 2

*Fases Psicosexuais do Desenvolvimento*

Fase/faixa etária	Definição
Fase oral (0 – 1 ano)	A primeira fase do desenvolvimento infantil é concentrada na região oral, ou seja, na boca do bebê, tendo como foco a amamentação materna. No entanto, a criança pode obter prazer no momento da sucção e satisfação de estar recebendo nutrientes durante esse processo. É pela boca que o bebê conhece e experimenta o mundo ao seu redor. Com duração de um ano a um ano e meio, a fase oral termina na época do desmame.
Fase anal (1 – 3 anos)	Nesta fase, acontecem as primeiras orientações sobre a higiene íntima, causando uma obsessão da criança diante da região anal e o ato de brincar com as próprias fezes. Neste momento, as crianças vêem suas fezes como suas próprias criações, o que lhes provoca orgulho e satisfação, podendo sentir prazer ao defecar. É o período em que se inicia o andar, o falar e em que se estabelece o controle dos esfíncteres.
Fase fálica (3 – 5 anos)	Etapa importante e crucial para o desenvolvimento sexual da criança. Nesta fase, a criança já tem consciência das diferenças anatômicas sexuais e se concentra na região genital, percebendo a existência de alguns aspectos genitais ou a falta deles, assim, vivenciando a fase que ficou conhecida como Complexo de Édipo ou de Electra.
Período de latência (5 anos – puberdade)	O desenvolvimento da criança se caracteriza mais por ser uma fase de desejos inconscientes reprimidos do que propriamente um período psicosexual. Neste momento, a criança já superou o complexo da fase fálica, embora ainda possam existir desejos e impulsos sexuais. Estes, porém, são representados de forma assexuada, canalizando, por meio da sublimação, toda a sua energia

em adquirir novas habilidades, conhecimentos e interação com o meio social em atividades corriqueiras, como amizades e esportes, até o começo da puberdade.

Fase genital (puberdade e vida adulta)	Período que inicia a puberdade e no qual o indivíduo já desenvolveu-se intelectual e socialmente. Nesta fase, o sujeito foca toda sua energia sexual para seus órgãos genitais, no entanto em direção às relações amorosas com o outro e com o mundo externo. Pela primeira vez, o indivíduo tem o desejo de agir conforme seu instinto de procriação e reprodução. Os conflitos internos típicos das fases anteriores atingem uma relativa estabilidade, levando o sujeito a uma estrutura do ego, permitindo enfrentar os desafios da idade adulta. Neste momento, meninos e meninas estão conscientes de suas identidades sexuais distintas e começam a buscar formas de satisfazer suas necessidades eróticas e interpessoais. Inicia-se, assim, o momento de experimentação sexual.
---	--

Freud (1905/1996) afirma que uma criança, durante as fases do desenvolvimento psicosssexual, é confrontada com um conflito entre impulsos biológicos e expectativas sociais. e que, caso ultrapasse de forma bem-sucedida esses conflitos internos, acabará tendo domínio de cada estágio de desenvolvimento e, finalmente, obterá uma personalidade totalmente madura.

### **Breve Caracterização da Sexualidade e Contexto Escolar Quanto à Educação Sexual**

A Organização Mundial da Saúde (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2020) traz a definição de que a sexualidade humana se constitui pela integração de elementos que favorecem as pessoas, a comunicação e o amor: aspectos somáticos, emocionais, intelectuais e sociais do ser sexual. Assim, a sexualidade é caracterizada pela OMS (em Rossi & Freitas, 2014) como:

[...] uma energia que nos motiva para encontrar amor, contacto, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a

nossa saúde física e mental, sendo um aspecto central do ser humano durante toda a vida. (pp. 99-100)

Para Freud (1930/1996), a sexualidade possui relevância no desenvolvimento e na vida psíquica dos indivíduos, pois se relaciona com a busca por prazer e satisfação. Isso configura-se como uma necessidade fundamental na vida das pessoas, tornando-se parte inerente do ser humano, do nascimento até a morte, e se modificando em suas particularidades em cada etapa do desenvolvimento.

Conforme afirmam Maia e Ribeiro (2011), a sexualidade é um conceito amplo e histórico. Ela faz parte de todo ser humano e é representada de formas diversas, dependendo da cultura e do momento histórico vivenciado. Ainda, apresenta componentes biológicos, psicológicos e sociais e se expressa em cada indivíduo de modo particular em sua subjetividade e de modo objetivo em padrões sociais, os quais são aprendidos e apreendidos durante a socialização. Em consonância com esses autores, Figueiró (2006) a caracteriza como:

[...] uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem a negação de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. Ela é, pelo contrário, uma energia vital da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais. (p. 42)

Figueiró (2006) também leva em consideração as reflexões de Britzman (1998), posto que a sexualidade é a energia que leva o bebê a construir a primeira forma de conhecimento: distinguir seu corpo do dos outros. É essa energia que conduz o ser humano a movimentar-se e interagir com o meio ambiente, impulsionando suas ações na direção da satisfação das necessidades básicas e do premente desejo por prazer.

A sexualidade humana não é simplesmente biológica, nem se submete à mera imposição das regras sociais, é, portanto, a expressão do que se deseja, daquilo que se escolhe, que se ama e que se comunica com o mundo e com os outros (Aranha & Martins, 2009).

Com base na nova Constituição Federativa, a partir da criação da Lei de Diretrizes

e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 20 dez., 1996), a Carta Magna e a nova LDB dão suportes legais para que o direito a uma educação de qualidade seja realmente consubstanciado, assegurando a formação integral do indivíduo e a sua inserção consciente, crítica e cidadã na sociedade. Apesar disso, no Anuário de Competitividade Mundial (International Institute for Management Development [IMD], 2020), o Brasil está em último lugar no fator educação, ocupando a 63ª posição, duas abaixo do ano de 2019. Em 2017, 11,3 milhões de pessoas com 15 anos ou mais não foram alfabetizadas; 40% das pessoas com mais de 25 anos não concluíram a educação básica; e 30,7% dos alunos do ensino médio foram defasados em relação à idade/série ou ficaram fora da escola (Agência Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2019). Já os dados referentes ao ensino superior mostram que apenas 19,6% da população brasileira, cuja faixa etária é de 25 a 34 anos, chega a esse nível de ensino em relação à média mundial, que corresponde a 42,8% (IMD, 2020).

A educação, para Aranha (1996), não pode ser compreendida fora do contexto histórico-social concreto, sendo a prática social o ponto de partida e o ponto de chegada da ação pedagógica. O ato de aprender a aprender é uma das principais funções do exercício de educar. No processo de aprender, a construção de uma pessoa mais autônoma também a torna mais autônoma no processo de viver – de escolher e traçar os rumos de sua vida. Conforme Gramsci (em Rodrigues, 1984), somente a atividade educacional tem como compromisso e objetivo preparar o indivíduo para ser alguém capaz de pensar, dirigir e de controlar quem dirige. Ainda, o conhecimento transmitido e assimilado pelo indivíduo só terá valor se colocado em prática de maneira efetiva em uma relação com o social, isto é, com os demais indivíduos e com a natureza (Gramsci em Rodrigues, 1984). Logo, o desenvolvimento do indivíduo deve trazer contribuições ao desenvolvimento da sociedade.

A educação libertadora ou transformadora, por sua vez, é aquela que trabalha a partir de uma visão de sujeitos potencialmente autônomos, capazes de praticar a solidariedade, instruindo-se de forma a promover a autorreflexão (Gerhardt, 2001). Nesse sentido, a educação é entendida como uma prática de libertação, que desperta no sujeito a sua capacidade de promover a humanização, esforçando-se em uma perspectiva conjunta para mudar o sistema escolar, social e político. Para Saviani (2003), um dos grandes desafios da educação contemporânea é sua efetivação enquanto instrumento principal de transformação da sociedade, podendo contribuir de maneira significativa e relevante para provocar a mudança das pessoas, dos grupos sociais e das instituições. Além disso, é

mutável e dinâmica, pois possui plenas condições para idealizar e construir uma sociedade mais cidadã e democrática. A importância da educação formal, enquanto prática educativa, não se resume apenas a uma exigência da vida em sociedade. Refere-se ao processo de prover aos indivíduos conhecimentos e experiências culturais que irão torná-los capazes de atuar no meio social e transformá-lo em função de suas necessidades econômicas, políticas e sociais, tornando o espaço em que vivem mais justo (Saviani, 2003).

Para Luckesi (1994), a difusão de conteúdos é uma tarefa fundamental e primordial, que se refere não somente a conteúdos abstratos, mas, sim, vivos, concretos e, portanto, indissociáveis das realidades sociais. Estes necessitam estar presentes nas vivências dos alunos, fazer-lhes sentido com o seu contexto e serem relevantes. Se a escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é, também, agir no rumo da transformação da sociedade. Se o que define uma pedagogia crítica é a consciência de seus condicionantes histórico-sociais, a função da pedagogia “dos conteúdos” é dar um passo à frente no papel transformador da escola, a partir, no entanto, das condições já existentes. Assim, a condição para que a escola sirva aos interesses populares é que esta garanta a todos um bom ensino, isto é, a apropriação dos conteúdos escolares básicos que tenham, de fato, ressonância na vida dos alunos.

De acordo com Luck (2010), no currículo escolar, devem ser garantidos conteúdos que proporcionem maior sentido de realidade e atualidade. Para Furtado (2013), por exemplo, o papel do professor deve ser produzir valores, proporcionando aprendizagens que tenham sentido em si mesmas e que estejam relacionadas com os fins da vida humana, implicando em uma maior consciência do contexto social vivido e permitindo aos indivíduos que assumam, na plenitude, a cidadania. Ao encontro disso, Veiga (2008) reforça a necessidade de resgatar a escola como um espaço público, um local de debate e de diálogo, voltado à reflexão coletiva.

No Brasil, a inserção da educação sexual na escola iniciou-se a partir de um deslocamento no campo discursivo sobre a sexualidade de crianças e adolescentes (Vidal, 1998). Nos anos de 1920 e 1930, os problemas de “desvios sexuais” deixam de ser percebidos como crime para serem concebidos como doenças. Segundo Paiva (1996), durante as décadas de 1960 e 1970, a educação sexual formal na escola enfrentou ânimo e entraves. A partir de 1965, algumas escolas públicas desenvolveram experiências de educação sexual, que, entretanto, foram extintas em 1970, após um pronunciamento da Comissão Nacional de Moral e Civismo – instituição que apresentou um parecer contrário

a um projeto de lei, de 1968, que propunha a inclusão obrigatória da educação sexual nos currículos escolares. Em 1976, a posição oficial brasileira considerava ser da família a principal responsabilidade do ensino da educação sexual, permitindo às escolas optarem pela inserção ou não da temática em programas de saúde ou em disciplinas do currículo. Durante os anos de 1980, a polêmica continuou. Todavia, as modificações ocorreram quase que exclusivamente em nível de discurso, ou seja, sem serem colocadas em prática efetivamente. Por outro lado, essas expectativas se modificaram e se adaptaram (Paiva, 1996).

Nos anos de 1930, a discussão sobre educação sexual se disseminou na escola em um momento em que a sífilis fazia um número de vítimas estrondoso. Atualmente, a intensificação das preocupações com a orientação sexual na escola está vinculada não só ao aumento de casos de sífilis quanto à proliferação de casos de Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e ao aumento de casos de gravidez entre adolescentes (Vidal, 1998). Vinte anos após o primeiro relato público de um caso de HIV no Brasil, estima-se que houve o aumento de 85% de ocorrências do vírus e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) entre jovens de 15 a 24 anos nos últimos dez anos (Ministério da Saúde, 21 fev., 2017). “Em 2020, registrou-se que a cada mil brasileiras entre 15 e 19 anos, 53 tornam-se mães. No mundo, são 41, conforme o relatório lançado recentemente pelo Fundo de População das Nações Unidas (Fundo de População das Nações Unidas (Unfpa)” (Pedroso, 02 jan., 2021, s.p.).

Isso indica uma intensificação dos trabalhos de orientação sexual na escola a partir desse ciclo. Os programas de orientação sexual devem ser organizados em torno de três eixos norteadores: *Corpo: matriz da sexualidade, Relações de gênero e Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS*. Entretanto, muitos pesquisadores das relações de gênero tendem a rejeitar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1998b), criticando o enfoque priorizado – o da sexualidade – em detrimento do enfoque do gênero e uma leitura biologizante do tema, o que vem sendo questionado. A proposta, nesse sentido, “tenderia a reduzir o problema e colaborar para reforçar a diferença entre meninos e meninas com base no enfoque biológico, localizado ‘genitalmente’, e essencializar comportamentos por meio de um discurso naturalizante das diferenças” (Lima & Cunha, 2019, p. 181).

Praticamente, todas as escolas ensinam acerca do aparelho reprodutivo em disciplinas como Ciências Naturais. Geralmente, o fazem por meio da discussão

sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e à fisiologia do corpo humano. Essa abordagem não abarca as ansiedades e as curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, uma vez que traz como foco apenas o corpo biológico. O próprio termo *sistema reprodutor*, por exemplo, vincula a sexualidade necessariamente à reprodução e não à produção de prazer, dessa forma, não inclui a dimensão da sexualidade. (Brasil, 1998a, p. 292)

Ainda que o documento admita manifestações diversificadas da sexualidade, não há uma referência explícita ao tema da discriminação contra homossexuais e outras diversidades sexuais (como travestis, transexuais, bissexuais, entre outras) no espaço escolar. Isso permite ao educador(a) apenas a interpretação da necessidade ou não da inclusão do tema; já que é possível interpretar apenas como a necessidade de abordar a temática acerca do masculino e do feminino, biologicamente e socialmente (Altmann, 2001).

Como aponta Dinis (2006), minorias sexuais e de gênero também são temas ausentes nos PCNs. Nos objetivos da proposta, menciona-se apenas o respeito à diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano (Brasil, 1997). Como ressaltam Asinelli-Luz, Morales e Manikowski (2007), temáticas como aborto, preconceito, orientação sexual, exploração sexual e violência sexual, por exemplo, raramente são trabalhadas na escola. Outro ponto é que há pouco aproveitamento do espaço escolar para a discussão e conhecimento por parte dos estudantes e professores sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 13 jul., 1990). De modo geral, para Fleuri (2006), essa desconstrução está sob a pressão de demandas urgentes impostas pela contemporaneidade, as quais, segundo Seffner (2007), implicam em uma crescente necessidade de o sistema escolar rever seus próprios fundamentos.

Um guia elaborado pela *Child Sexual Abuse Committee of the National Child Traumatic Stress Network*, em parceria com a *National Center on Sexual Behavior of Youth* (em Infogram, 2021), aborda sobre as formas de se tratar o tema de acordo com cada faixa etária, o que pode ser visualizado na Tabela 3.

Tabela 3

*Temas Adequados para Discussão em Cada Faixa Etária*

Faixa Etária	Conceitos Gerais	Conceitos de Proteção
Menos de 4 anos	Meninos e meninas são diferentes; nomes corretos dos órgãos genitais; bebês vêm da barriga das mães; responder perguntas básicas sobre o corpo e funcionamento dele; explicar sobre privacidade como, por exemplo: por que cobrimos as partes íntimas? Não tocar em partes íntimas dos colegas.	A diferença entre os toques reconfortantes, agradáveis e bem-vindos e toques que são intrusivos, desconfortáveis ou dolorosos; seu corpo pertence a você; todo mundo tem direito de dizer não ao ser tocado, mesmo que o toque seja de um adulto; nenhuma criança ou adulto tem o direito de tocar as suas partes privadas; diga não quando adultos pedem que você faça coisas erradas, como tocar partes privadas ou guardar segredos; existe diferença entre uma surpresa (que é algo que será revelado em breve) e um segredo (que é algo que você nunca deveria contar); para quem pedir ajuda caso seja tocado nas partes privadas?
4 a 6 Anos	—	Os corpos de meninos e meninas mudam quando crescem; explicações simples sobre como os bebês se desenvolvem e sobre o nascimento; regras sobre limites pessoais (como manter as partes privadas cobertas, não tocar em partes privadas de crianças); respostas simples a todas as perguntas sobre o corpo e funções corporais; tocar suas próprias partes íntimas pode

ser agradável, mas é algo feito em local privado. Abuso sexual é quando alguém toca em suas partes ou pede que você toque em suas partes privadas; é abuso sexual mesmo que seja por alguém que você conhece; o abuso sexual nunca é culpa da criança; se um estranho tenta levá-lo com ele ou ela, a criança deve correr e contar para os pais, professor, vizinho, policial ou outro adulto.

7 a 12 Anos      O que esperar e como lidar com as mudanças; puberdade; noções básicas de reprodução, gravidez e parto; riscos de atividade sexual (gravidez, infecções transmitidas); noções básicas de contracepção; a masturbação é comum e não está associada a problemas a longo prazo, mas deve ser realizada em local privado.

---

## MÉTODO

### **Delineamento**

O presente Trabalho de Conclusão de Curso se configura como um levantamento qualitativo sobre o ensino da sexualidade nas escolas para crianças e adolescentes. Esse delineamento, para Laville e Dionne (1999), preserva a forma literal dos dados obtidos e, quando se trata do real humano, considera seus valores, suas representações e significações, que são elementos que não possuem caráter mensurável. Esta é uma pesquisa do tipo exploratória, que visa desenvolver, analisar, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com o intuito de proporcionar uma maior visão e compreensão sobre o tema. Além disso, caracteriza-se como um estudo interpretativo, pois busca identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos estudados, já que pesquisas de cunho interpretativo auxiliam na análise do artefato cultural e no aprofundamento da revisão teórica (Gil, 2008).

### **Fontes**

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados dois artefatos culturais, o filme canadense *C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor* (Vallée, 2005), que retrata a vida do personagem principal Zac (Marc-André Grondin), desde seu nascimento até a sua adultez e o documentário *Sala de Aula - Educação Sexual* (Menezes, 2019), que abre as portas de uma escola em Campinas/SP, a qual iniciou um projeto de Educação Integral da Sexualidade, e traz depoimentos de alunos participantes do projeto e especialistas na área da educação em sexualidade.

Quanto ao enredo do filme, Zac é o quarto filho de Gervais (Michel Côté) e Laurianne (Danielle Proulx), que, posteriormente, dariam a luz ao seu quinto e último filho. Dentre seus irmãos, há Christian (Maxime Tremblay), o mais velho, Raymond (Pierre-Luc Brillant), Antoine (Alex Gravel) e o caçula Yvan (Félix-Antoine Despatie).

Desde o início de sua infância, Zac sentia-se diferente de seus irmãos. Esse fato gerava desconforto na família, bastante religiosa, visto que seu pai, Gervais, mostrava-se um homem conservador e rígido, que desejava que seus filhos fossem “tão másculos quanto ele”. Ao longo de seu crescimento, Zac ouvia de seu pai e de seus irmãos que suas atitudes, comportamentos, gostos (como quando se vestiu com as roupas da mãe) e personalidade eram de “bichinha”. Esses comportamentos eram reprovados perante a

igreja e, por isso, em todas as orações de Zac havia súplicas por sua cura. Em suas palavras: “poderia ser tudo, menos isso”.

Na sua adolescência não foi diferente, durante muito tempo, Zac, por acreditar que precisava se interessar por mulheres, se convenceu que se atraía por sua prima, até se dar conta que seu interesse real sempre foram pelos namorados dela. Ao perceber o quanto a suspeita da sua sexualidade era reprovada pela família, tentou namorar uma menina da escola e estava feliz com a aprovação de seus pais. Seu pai, Gervais, estava a todo momento reforçando as atitudes de Zac que eram masculinas, dando-lhes presentes ao ter conhecimento de atitudes como brigas de escola e relações com garotas. Segundo o pai, estes eram comportamentos de homens de verdade, comportamentos que ele mesmo tinha quando mais jovem, afirmando que tais aspectos foram herdados do pai, o que lhe causava orgulho.

Mesmo em momentos em que Zac parecia satisfeito com sua vida amorosa e familiar, tinha relações com outros homens e pedia a Deus pela cura da sua homossexualidade, chegando a se colocar em situações de risco para atingí-la, como, por exemplo, enfrentar a neve e o frio para que, se conseguisse aguentar, Deus o curasse. Algumas das relações homossexuais de Zac foram descobertas pelo seu pai, sendo a última o ponto final na sua relação com a família. Depois de se assumir, após uma dessas descobertas, Gervais novamente o repreendeu e expôs rigorosamente a sua não aceitação, pedindo para que Zac agisse como homem ou fosse embora. Sua mãe, apesar de não concordar com sua sexualidade, dava-lhe apoio, colocando-se contra as atitudes do marido, porém, seguia sendo conivente com as decisões tomadas por ele.

Zac, então, decidiu viajar para Jerusalém, onde encontrou liberdade para viver suas relações amorosas mais abertamente. Entretanto, durante todas as experiências, as frases e xingamentos da família ressoavam nos seus pensamentos, chegando a imaginar que alguém de sua família poderia estar lhe observando com o olhar de reprovação e desprezo. Nessa viagem, recebeu a notícia de que um de seus irmãos estava internado por abuso de substâncias ilícitas, o que lhe fez retornar para rever sua família e se despedir de seu irmão. Com a perda de seu filho mais velho, Gervais relatou que nunca aceitaria Zac, mas que gostaria que ele estivesse por perto, já que não desejava perdê-lo também. Após dez anos de tentativas, Zac revelou que seu pai aceitou que ele levasse seu namorado para lhe conhecer, entrar em sua casa e interagir com a família, o que significava muito para ele. O protagonista afirmou que, após muito tempo, enfim, seu pai voltou a ser o pai que ele tinha

quando criança.

Sobre o documentário, retrata a iniciativa de uma professora em relação à educação sexual para os alunos de uma escola localizada em Campinas - São Paulo. Durante o documentário são apresentados relatos dos alunos que participaram da intervenção, assim como uma entrevista realizada com uma pedagoga e com um representante da ONG Reprolatina, que trabalha com temáticas de saúde sexual reprodutiva.

### **Instrumentos**

A partir do referencial teórico utilizado neste estudo, optou-se pela utilização de tabelas para a organização das categorias de análise, apresentando recortes do filme canadense *C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor* (Vallée, 2005) e outra tabela para a organização dos recortes do documentário *Sala de Aula - Educação Sexual* (Menezes, 2019). Segundo Laville e Dionne (1999), essa maneira de estruturação, em tabelas, permite uma visualização mais categorizada dos dados encontrados.

### **Procedimentos**

Para a elaboração do presente Trabalho de Conclusão de Curso, foi realizada uma busca por materiais que dispusessem de informações e esclarecimentos a respeito do assunto tratado. Foram usadas as bases de dados do Portal de Periódicos da CAPES, biblioteca virtual e física da Universidade de Caxias do Sul (UCS), *SciELO* e o recurso do *Google Acadêmico*. Após a reunião e a seleção de artigos e livros, para compor a revisão de literatura, foram analisados dois artefatos culturais, para que o assunto pudesse ser articulado com a teoria escolhida. Para tal, foi selecionado o filme *C.R.A.Z.Y. - Loucos de amor* (Vallée, 2005), que conta a história de Zac, de seu nascimento até sua adultez, mostrando o descobrimento da sua sexualidade juntamente com a falta de conhecimento a respeito do tema e diante de uma família preconceituosa, rígida e conservadora; e o documentário *Sala de Aula - Educação Sexual* (Menezes, 2019), que relata, por meio de depoimentos, benefícios e entraves de se abordar o assunto em sala de aula atualmente.

Foram efetuados recortes de algumas cenas do filme e do documentário, a fim de desenvolver uma análise do conteúdo destas, viabilizando a exploração da temática referente à sexualidade em diversas faixas etárias e como a falta de conhecimento sobre o tema pode afetar o seu desenvolvimento. As cenas que foram selecionadas foram descritas e categorizadas, permitindo, assim, uma melhor organização dos conteúdos e tornando

possível elucidar o problema de pesquisa. O registro das cenas escolhidas foi ordenado em tabelas, com a finalidade de apresentar a disposição de dados e informações de maneira mais sistematizada e clara, possibilitando convertê-las em categorias de análises, para que fosse viável investigar seu conteúdo e articulá-lo com o referencial teórico.

### **Referencial de Análise**

Para a construção do referencial de análise foi utilizada a análise de conteúdo de Laville e Dionne (1999), seguindo o modelo aberto e definindo as categorias *a posteriori*, que foi realizada durante o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, buscou-se demonstrar a estrutura e os elementos desse conteúdo, esclarecendo suas diferentes características, extraindo suas significações, comparando e avaliando somente o que foi fundamental e essencial (Laville & Dione, 1999).

Dessa forma, a interpretação dos dados se deu de modo mais claro, facilitado e de maneira qualitativa, com a sustentação de referenciais teóricos para a melhor análise dos fenômenos do conteúdo abordado, assim como uma reflexão mais ampla e abrangente deste. Por fim, a estratégia utilizada foi a de emparelhamento, que consiste em comparar os dados recolhidos a um modelo teórico (Laville & Dionne, 1999). A discussão acerca do problema de pesquisa tem como intuito trazer esclarecimentos sobre o tema, a fim de buscar uma maior compreensão.

## RESULTADOS

A seguir, nas Tabelas 4 e 5, apresentam-se os resultados. Nestes, evidenciam-se recortes dos artefatos culturais, os quais serão – posteriormente – analisados.

A tabela abaixo apresenta as categorias elencadas para a discussão e maior compreensão da temática deste estudo, a partir de recortes do filme *C.R.A.Z.Y - Loucos de Amor* (Marc Vallée, J, 2005). Foram realizados recortes de cenas que ilustrassem aspectos teóricos deste estudo e foram organizadas três categorias a partir dos recortes utilizados, com o objetivo de contemplar o problema desta pesquisa.

Tabela 4

*Categorias de Análise e Respectivos Trechos – C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor*

Categorias	Cenas
Identificação	<p data-bbox="655 913 746 949">Cena 1</p> <p data-bbox="655 974 1428 1697">Em seu aniversário, quando criança, no dia de Natal, Zac sempre recebia presentes que não gostava e demonstrava insatisfação ao receber “presentes para garotos”, assistindo seus pais preocupados. Nesses momentos, seu pai questionava se ele se tornaria “uma borboleta”, dizendo que se devolvesse o presente e trocasse por um de seu interesse “isso lhe faria parecer ridículo e seu pai não quer isso”, mesmo sem entender o significado por trás do que o pai queria dizer. Ao questionar o que seria ser uma “borboleta”, Zac não obtinha respostas. Em seus pensamentos, ele afirmava: “não sei o que é ser uma borboleta, entretanto, tenho certeza de que não quero ser uma”.</p> <p data-bbox="655 1753 746 1789">Cena 2</p> <p data-bbox="655 1814 1428 2016">Zac, com 6 anos, próximo de seu irmão recém-nascido, veste as roupas da mãe, com seus colares, vestimentas e brincos e, assim, permanece para cuidar de seu irmão. Nesse instante, seu pai entra no quarto e se choca com a</p>

cena. Zac afirma ter percebido “a neve se derreter no rosto de seu pai e, nesse momento, nada mais seria o mesmo”. Desde então, a forma com que seu pai lhe tratava mudou e as frases ditas por Gervais se repetiam em seus pensamentos: “não seja um idiota, não seja um maricas”.

#### Cena 3

Zac, antes de dormir, novamente implora a Deus: “tudo, menos isso”, se referindo a ser “maricas” ou “borboleta”.

### Desconhecimento sobre

#### Sexualidade

#### Cena 4

Já adolescente, aos 16 anos, no Natal, Zac é apresentado ao namorado de sua prima, Paul, e demonstra seu primeiro interesse sexual. Todavia, nessa ocasião, acredita se tratar de um interesse em sua prima, visto que em suas fantasias está ao lado dos dois.

#### Cena 5

Zac encontra sua prima no centro da cidade e demonstra estar muito animado. Porém, ao descobrir que ela havia terminado seu relacionamento com Paul, aparenta completo desânimo e desinteresse por continuar perto da prima, o que lhe faz refletir por quem era o seu verdadeiro interesse sexual, lembrando momentos que teve ao lado de Paul no Natal, quando passaram a fumaça do cigarro um para o outro.

#### Cena 6

Zac cede à pressão familiar e vai ao psicólogo, afirmando que ele não se parece com “uma bicha”, visto que não fala de forma “afeminada” e não se veste como “um pavão”. O psicólogo diz que trejeitos ou formas de se vestir não definem sexualidade e Zac afirma que todos se tornam assim, mais cedo ou mais tarde. Além disso, comenta que a terapia é inútil, já que ele não é “viado” e que ele preferiria

---

morrer antes de ser homossexual, pois teria uma vida “fodida”.

#### Família e Contexto Social Cena 7

Zac, amante da música, canta e dança músicas de David Bowie, que era assumidamente bissexual e que não performava masculinidade. Seu irmão o empurra, desliga o som e, agressivamente, ordena para que Zac pare de imitar “esse maricas”, pois faz a família parecer um grupo de “idiotas”. Na escola, por conta de suas imitações, também é alvo de repressão e zoação.

#### Cena 8

Zac descobre que sua prima reatou com Paul, o que lhe perturba, visto que não compreende seus sentimentos. Assim, não sabendo lidar com estes, Zac chega na escola e chora enquanto bate em seu colega homossexual e só para após outro colega intervir.

#### Cena 9

Gervais, ao sair de casa, vê Zac e seu colega de escola – o mesmo em que o protagonista havia batido – saindo do carro juntos, enquanto Zac fecha o zíper de sua calça. Ao entrar em casa, Gervais demonstra-se extremamente nervoso e irritado, afirmando que Zac teria feito algo terrível e imperdoável. Se questionando sobre o que fizeram de errado como pais, temem que o bairro inteiro saiba da sexualidade de Zac, verbalizando que devem fazer de tudo para manter isso em segredo e que é algo que deve ser resolvido. Diante disso, refere, ainda, que não se nasce homossexual, que se torna, o que pode, então, ser modificado. Gervais segue afirmando que “ou se é homem ou mulher, nada além disso” e sugere pagar um psicólogo para fazer com que o filho mude, visto que criou um

homem e não “uma bichinha”, pontuando a sexualidade de Zac como uma doença que deve ser curada. Frente à situação, o protagonista diz que não há problemas com ele e que não verá o psicólogo nem ninguém.

#### Cena 10

Com 20 anos, Zac começa a namorar uma amiga de infância, o que deixa sua família satisfeita e melhora a sua relação com os pais. Porém, isto é algo que ainda perturba Zac, o que não lhe permite sentir-se plenamente feliz, apesar da relação com a família e da aprovação que sempre buscou do pai. No Natal, novamente, é chamado de “viadão” pelo irmão, mesmo com a presença de sua namorada, o que faz seu pai, Gervais, ficar irritado e nervoso. Zac, em seus pensamentos, afirma que sua sexualidade ainda é um tabu e que não deveria ser tocada em família.

#### Cena 11

No casamento de seu irmão do meio, Zac é convidado para fumar pelo namorado da amiga de sua namorada. Assim, eles entram no carro e passam a fumaça do cigarro um para a boca do outro, sendo vistos por um dos convidados da festa. Este comenta perto de Gervais e de seu irmão mais velho que viu os dois se beijando no estacionamento e que, então, os boatos eram verdadeiros: Zac era mesmo “viado”. Isso faz com que seu irmão mais velho agrida fisicamente os dois homens que estavam comentando. Zac vê a cena e sai da festa; Gervais vai atrás de Zac e o confronta, dizendo que viram a cena do beijo e que estavam lhe chamando de “viado”. O protagonista refere que só estava passando a fumaça e seu pai lhe dá um tapa na cara, pedindo para que seja homem e fale a verdade. Zac, então, pediu se seu pai

queria ouvir que ele era *gay* e “baitola” e confessa que sim, que havia acontecido, mas não nesse dia; entretanto, afirma que ele adoraria que tivesse acontecido. Desse modo, Gervais pede para que Zac vá embora.

#### Cena 12

Zac não volta mais para casa e seus pais não sabem onde ele está. O protagonista aparece em um avião chorando, a caminho de Jerusalém, e manda uma carta para sua mãe, dizendo que quer caminhar por onde Jesus caminhou. Chegando lá, Zac conhece um rapaz em um bar *gay* e se relaciona sexualmente com ele, a partir disso sente que seu pai está o observando e o julgando.

#### Cena 13

Ao retornar para casa, descobre que Raymond, o irmão mais velho, está internado por overdose e, durante a madrugada, Zac se senta ao lado de seu pai, que se culpa pelo abuso de drogas do filho mais velho e pela sexualidade do protagonista. Em seguida, afirma a Zac que ele não é o que acredita ser e que não pode abandonar o que há de mais belo na vida: ter filhos; não havendo maior dor do que perdê-los. Gervais afirma que se Zac não mudar, ele não poderá aceitá-lo.

---

Assim como na anterior, a tabela abaixo apresenta as categorias elencadas para a discussão e maior compreensão da temática deste estudo, a partir de recortes do documentário Sala de Aula - Educação Sexual (Menezes, L, 2019). Foram realizados recortes de cenas que ilustrassem aspectos teóricos deste estudo e foram organizadas dez categorias a partir dos recortes utilizados, com o objetivo de contemplar o problema desta pesquisa.

Tabela 5

*Categorias de Análise e Respectivos Trechos – Documentário: Sala de Aula - Educação Sexual*

Categorias	Cenas
Percepção dos Jovens	<p>Cena 1</p> <p>Aluna afirma: “Falar de sexo era um tabu. Quando eu era mais jovem eu tinha um pensamento meio fechado, meus pais conversavam sobre o básico, mas a prevenção e se aprofundar sobre o assunto, não falavam. Eu percebo isso, muitas vezes, na vida dos jovens aqui da escola, que não sabem realmente o que é prevenção, muitas vezes, cometem o ato e quando percebem já engravidam”. Outra aluna concorda: “Perto de mim, na escola, ao meu redor, sempre teve falta de informação, alguma menina nova grávida ou confusa e que não tinha a quem correr, não tinha informação sobre nada que iria acontecer na vida dela dali para frente. Aí você fica perdido, não sabe o que fazer, não tem um ponto onde você pode arrumar informações ou conseguir alguma ajuda e para um jovem, ainda com a cabeça em formação, é muita coisa de uma vez”. A aluna que iniciou a fala, garante: “Falar sobre sexualidade é algo do ser humano, é do nosso dia a dia, previne muitas coisas e ensina muitos jovens, dá conhecimento”.</p>
Envolvimento do Jovem	<p>Cena 2</p> <p>Dois convidados a participar do documentário, Flávia, uma pedagoga, e Rodrigo, representante da Organização Não-Governamental (ONG) Reprolatina, que trabalha sobre a temática de saúde sexual reprodutiva, debatem sobre o tema. Flávia afirma: “O aluno se sente inserido na responsabilidade com a sua saúde sexual, com seu direito sexual, a sexualidade como motivo de vida, que faz parte da história. Então, tudo</p>

bem falar disso, tratar disso e cuidar disso, *pra mim e pros outros*”.

#### O Tabu da Sexualidade Cena 3

Quando questionados se a sexualidade ainda seria um tabu nas escolas, Rodrigo reflete: “Ainda é um tabu na sociedade, não só no ambiente escolar. A gente ainda tem uma dificuldade em trabalhar determinados temas ligados à sexualidade dentro do espaço familiar, muitas vezes, dentro da escola, mas a gente ainda vem caminhando dentro dessa construção de uma naturalidade, que a sexualidade é parte do nosso corpo, é a essência fundamental de nós enquanto seres humanos”.

#### Diferença: Sexo e Sexualidade

##### Cena 4

Rodrigo ressalta: “Falar de sexualidade e falar de sexo são coisas opostas. Nós trabalhamos a partir da educação sexual integrada, aspectos de construção dos valores, identificação com o corpo, identidade, os cuidados com a saúde, o processo de tomada de decisões, o processo de autonomia, se apropriar [...] Quando a gente amplia para uma educação integral, entendendo que a sexualidade é parte de toda essa construção, a gente facilita que esse projeto de vida seja pensado de uma forma mais saudável”.

##### Cena 5

Ainda sobre a sexualidade em si, Flávia reflete sobre o tema tratar, também, sobre o desejo vital, a pulsão de vida, a alegria e a tristeza, o afeto e a ética nas relações: “Quando falamos de sexualidade, falamos de desejo vital, pulsão de vida, alegria e tristeza, afeto. Tem uma ética para ser conversada, conversar de sexualidade é conversar sobre ética relacional, que a sexualidade não é um fato individual. Quando eu coloco o

outro no jogo, já não sou só eu, somos nós”. Rodrigo, complementa: “A questão dos valores universais, o valor do respeito, da ética, da justiça, da solidariedade, esse é o fundamento, essa é a base fundamental para todas as relações”.

O Poder do  
Conhecimento

Cena 6

Ainda seguindo a linha de raciocínio, Flávia afirma: “Eu só exerço o direito e liberdade com conhecimento. Se não, ainda que digam *pra* mim que eu tenho direito, se eu atuo em cima do tabu, eu vou exercer sempre de forma coercitiva e não com a liberdade. Quando eu tenho conhecimento, diálogo sobre o assunto, conheço sobre prevenção, gravidez, ISTs, quando eu penso na sexualidade como um fator natural da vida [...]. Todo mundo nasce por conta da sexualidade, é algo tão natural. Todo mundo precisa se alimentar na vida e a sexualidade faz parte de um impulso orgânico [...]. Dar o conhecimento para o jovem acaba permitindo a consciência e a ciência de si para ser dono da sua própria história e não conduzido. Dá sentido de quem sou eu, dar a ele inteireza do seu eu, liberdade de ser o que quer ser.” Rodrigo completa: “Um dos direitos sexuais é justamente o direito de exercer uma sexualidade livre e responsável sobre a sua própria vida, e isso é fundamental”.

Flávia afirma: “Eu sou também um agente que propaga o pensamento, que nutre uma sociedade responsável e, mais do que eu cuido de mim, você eleva o nível de cidadania e a co-responsabilidade coletiva. Eles conversam não só dentro da escola, eles conversam em casa, eles caminham no pensar sobre isso com mais naturalidade e influenciam a sociedade”. Rodrigo completa: “Quando você possibilita ao adolescente formação e troca de experiências, o efeito que ele vai ter de multiplicador é muito maior. A dimensão que eles ganham

dentro do ambiente escolar e em suas outras redes de relações é fantástico”.

Falta de Conhecimento      Cena 7

Sobre a falta de disseminação desse conhecimento, Flávia declara: “Nós temos uma epidemia de sífilis entre jovens entre 15 a 24 anos, porque o silêncio do trabalho da educação integral em sexualidade parece que teve uma pausa quando a gente imaginou que a AIDS já estava controlada e paramos de conversar sobre esses assuntos. Agora é urgente falar, é urgente voltar à conversa”. Rodrigo afirma: “A preocupação é sempre com a gravidez e a gente acaba esquecendo, muitas vezes, de falar do risco e da vulnerabilidade existentes frente às ISTs, a própria questão do HPV [Papilomavírus Humano] também é uma preocupação. Óbvio que a gravidez é uma preocupação e um risco, mas a infecção é gravíssima também”. Flávia acrescenta: “Falar da vida, da obrigação da sexualidade, da violência sexual, tem mil temas [...]”.

Atividade Sexual entre      Cena 8  
Jovens

Flávia refere: “40% dos meninos e 20% das meninas acima de 13 anos já iniciaram sua vida sexual concreta e negar que a sexualidade faça parte da experiência humana dos jovens seria uma inocência. O assunto ser pauta nos currículos escolares é fundamental na tentativa de minimizar possíveis efeitos negativos dessa realidade”.

Conhecimento Desde      Cena 9  
Cedo

Rodrigo afirma: “Quanto antes se começar um trabalho de educação integral em sexualidade, melhor vai ser todo esse desenvolvimento que a gente tá falando. Se a gente entender que a sexualidade nasce desde o momento do nosso nascimento, a gente consegue discutir com o aluno a percepção desse corpo, o reconhecimento do corpo, que o

outro não pode tocar nesse corpo, entrando também na dimensão do abuso e da exploração sexual da criança e do adolescente. Tudo tem a sua faixa etária e isso é uma preocupação quando a gente desenvolve as ações, até porque a linguagem, a abordagem, o conteúdo metodológico, ele tem que ser voltado para aquela faixa etária, para aquele entendimento, até por uma questão de maturidade, mas é fundamental começar um trabalho preventivo o quanto antes, o acesso à informação, à prevenção, para que, lá na frente, quando necessário, eles estejam preparados para isso”.

Flávia verbaliza: “Nós iniciamos todo o contato com o mundo pelo corpo, então a forma como tivermos nossos primeiros contatos, na primeira infância, começa a criar nossa identidade, com o toque, o jeito que eu dou o banho, o jeito que eu coloco *pra* dormir, o como eu falo de você *pra* você. A identidade tem toda uma construção anterior, a educação socioemocional é o eu comigo, o eu com o outro desde cedo e isso é sexualidade e pulsão de vida, é o gostar de si, o gostar do outro, gostar da vida, afetuar-se”.

#### Família e Meio Social    Cena 10

Sobre a importância da família e do meio social, Rodrigo afirma: “O papel da família é fundamental, eu não posso trabalhar somente esse adolescente, eu tenho que trabalhar toda a rede que está no entorno dele, seja a família, seja a escola, seja a religião, sejam os veículos de comunicação, porque tudo isso está fazendo parte da formação desse jovem. E essa temática, muitas vezes, para a própria família é uma dificuldade, voltamos à história do tabu, tem a fala de um pai em um material nosso que eu acho muito importante. Ele diz que ninguém dá aquilo que não recebeu, então, como passar pros filhos sobre orientação sexual ou prevenção se eu também não recebi ou se, até dentro de mim, é difícil lidar

com essas questões. Então, é fundamental a gente também estender as ações com os pais, a família, a perspectiva da comunidade. Se nós formos parar *pra* pensar, a família também está vulnerável a uma gravidez, a uma infecção, a uma violência, a questão do feminicídio, tudo isso está dentro de se trabalhar na educação integral da sexualidade”. Flávia comenta: “Trazer a família para a roda é dar a ela também a oportunidade de trazer os seus valores, seus princípios, suas crenças e poder multiplicar isso, ouvindo sobre jeitos de pensar. Então, você compõe para aquela criança um conforto de que ela não precisa ficar se degladiando com as diferentes formas. Ela pode conviver pacificamente com os seus valores, com a informação científica e não precisa desmoronar e entrar em atrito, porque, muitas vezes, o temor é o atrito dos valores sociais de cada um e falar sobre sexualidade é unir o conhecimento com a sua liberdade de manter-se no colo do que sua família te traz ou, em um momento possível, se você quiser fazer diferente, você vai estar bem subsidiado para isso, sem necessidade de conflito”. Rodrigo completa: “Para que a família também possa refletir sobre esses valores, os conceitos não são eternos e que é necessário refletir e ter liberdade de dialogar sobre eles”.

#### Percepções do Projeto

##### Cena 11

Estudante relata: "Influenciou bastante no convívio, a gente fala muito de respeito, então a gente vai repassando. Notaram diferenças no nosso comportamento, eu pessoalmente me soltei mais a conversar. Eu sou muito tímida e comecei a me soltar mais nas aulas. Eu comecei a conversar e a espalhar informações”.

---

## DISCUSSÃO

A seguir, apresenta-se a discussão de cada uma das categorias de análise do filme, interseccionando com o documentário e com o aporte teórico apresentado na Revisão da Literatura.

A Cena 1 e 2, na categoria Identificação, retratam que, desde a primeira infância, o personagem já se sentia e se comportava de maneira que se diferenciava de seus outros irmãos, fato que causava demasiado incômodo nos membros da família, principalmente em seu pai. Mesmo sem compreender os motivos de tanta reprovação sobre sua essência e modo de ser, associou algumas de suas características como negativas, impróprias e indesejadas, devido à forma com que seus familiares reagem a elas em vários momentos.

Na Cena 9 do documentário, na categoria Conhecimento Desde Cedo, Rodrigo afirma que quanto antes a educação integral em sexualidade for iniciada, melhor será o desenvolvimento do indivíduo, sendo necessário compreender que esta se faz presente desde o nascimento até a morte. Esse aspecto também é abordado por Freud (1930/1996), que afirma que a sexualidade é uma necessidade fundamental na vida das pessoas, tornando-se parte inerente do ser humano, do nascimento até a morte, e se modificando em suas particularidades em cada etapa do desenvolvimento. Flávia, na mesma cena, traz a questão da educação socioemocional como parte da sexualidade e da pulsão de vida, pois esses aspectos configuram-se como uma parcela fundamental da relação do indivíduo com ele mesmo e com o outro, o que ocorre desde cedo e caracteriza o início de uma identidade.

Além disso, Rodrigo reflete acerca da adequação da metodologia e sobre formas de abordar o tema, ressaltando que este deve estar de acordo com cada faixa etária, desenvolvimento e maturidade. Dessa maneira, por exemplo, a aprendizagem da educação integrada em sexualidade voltada para a primeira infância deve focar no conhecimento do próprio corpo, no autocuidado e nos limites em relação ao outro, agindo como prevenção a possíveis abusos e explorações sexuais. A partir do início da adolescência, assuntos como prevenção poderiam ser melhor aprofundados, assim como orientação sexual e gênero. Para Piaget (1973), nessa faixa etária, no estágio denominado como operatório formal, o adolescente é capaz de raciocinar logicamente e estabelecer seus próprios conceitos abstratos, como o amor, a felicidade, o orgulho, a tristeza, entre outros. É, também, capaz de raciocinar de forma hipotética e dedutiva, organizando ideias, eventos e objetos. Além

disso, torna-se mais consciente sobre si mesmo e os outros, o que permite o questionamento de seus próprios pensamentos e valores, refletindo acerca de si e do mundo ao redor, a fim de encontrar o que faz mais sentido.

Para Freud (1905/1996), essa fase é denominada como fase genital, na qual o indivíduo já desenvolveu-se intelectual e socialmente, está consciente de sua identidade sexual, iniciando-se, assim, o momento de experimentação sexual. Na Cena 8 do documentário, na categoria Atividade Sexual entre os Jovens, Flávia afirma que 40% dos meninos e 20% das meninas acima de 13 anos já iniciaram a sua vida sexual concreta. Assim, negar que a sexualidade faça parte da experiência humana dos jovens seria uma inocência, ressaltando que o assunto deveria ser pauta nos currículos escolares, já que é fundamental na tentativa de minimizar possíveis efeitos negativos dessa realidade.

Um desses efeitos negativos são as ISTs. Na Cena 7 do documentário, referente à categoria Falta de Conhecimento, Flávia traz dados preocupantes sobre o contexto atual, afirmando que – no momento – enfrentamos uma epidemia de sífilis em jovens entre 15 a 24 anos, o que, segundo Vidal (1998), teria acontecido somente nos anos 1930. Essa situação mostra-se atual, posto que, 20 anos depois do primeiro relato público de caso de HIV no Brasil, ainda há o aumento de 85% de casos entre jovens de 15 a 24 anos nos últimos 10 anos (Ministério da Saúde, 21 fev., 2017). Flávia justifica o reaparecimento de grandes números de contaminação de ISTs entre os jovens devido ao silêncio da educação integral em sexualidade e a pausa que ocorreu quando imaginou-se que as ISTs estavam controladas. A entrevistada do documentário segue afirmando que é urgente retomar o assunto, englobando ISTs, gravidez, violência sexual e diversos outros temas importantes na sociedade atual.

Outro efeito negativo da falta de conhecimento sobre a temática é a ausência de referências e a dificuldade de reconhecimento de si mesmo. Na Cena 3 do filme, na categoria Desconhecimento sobre Sexualidade, Zac afirma não ser homossexual, visto que não se considera afeminado, não possui trejeitos ou se veste como homossexual, demonstrando completo desconhecimento sobre sexualidade e orientação sexual, ao associar o desejo sexual a outras características que não possuem correlação.

Na Cena 6 do documentário, na categoria O Poder do Conhecimento, Flávia afirma que possibilitar conhecimento aos jovens é permitir que a liberdade do indivíduo seja respeitada, auxiliando-o a ter consciência de si, tornando-se dono da sua própria história e de quem ele é, além de garantir o seu direito sexual. Rodrigo completa ao afirmar que um

dos direitos sexuais é justamente exercer uma sexualidade livre e responsável sobre a sua própria vida.

Na Cena 4 do filme, na categoria Desconhecimento sobre Sexualidade, Zac, ao se encantar pelo casal formado por sua prima e seu namorado, acredita que está interessado em sua prima, visto que a possibilidade de estar interessado em um homem não poderia existir, uma vez que ninguém em seu meio social valida essa orientação sexual. Durante a Cena 5 do filme, ainda na mesma categoria, Zac, quando se conta de seu real interesse, não compreende seus sentimentos e sofre em silêncio pela falta de informação sobre o que estava acontecendo com ele, sem saber a quem recorrer para tentar compreender. Já na Cena 6 do filme, na mesma categoria, Zac implora a Deus que lhe aconteça tudo, menos ser homossexual, demonstrando não possuir informações sobre a naturalidade da sua orientação sexual, além de não saber a quem mais poderia recorrer a não ser a Deus. Na Cena 1 do documentário, na categoria Percepção dos Jovens, uma aluna participante do projeto afirma que sem o conhecimento os jovens se sentem perdidos, confusos e sem saber a quem recorrer ao lidar com as dúvidas frequentes da idade e de como agir perante a elas, devido ao assunto ainda ser um tabu.

Na Cena 3 do documentário, na categoria O Tabu da Sexualidade, Rodrigo reflete acerca da temática ainda ser considerada um tabu não somente nas escolas, como na sociedade em geral, ressaltando que há dificuldade em tratar sobre temas relacionados à sexualidade nos espaços familiares e escolares. Existem várias solicitações de que esse assunto seja tratado com naturalidade, visto que a sexualidade é considerada parte do ser humano, do seu corpo e da sua essência. Além disso, para que haja uma quebra desse tabu, é preciso ressaltar a diferença entre falar sobre sexualidade e falar sobre sexo. Na Cena 4 do documentário, referente à categoria Diferenças: Sexo e Sexualidade, Rodrigo afirma que o que se propõe é uma educação integral da sexualidade, que aborde a construção de valores, corpo, identidade, cuidados com a saúde, processo de tomada de decisões, autonomia. Ademais, refere que, a partir do momento que se entende que a sexualidade é parte de toda essa construção, há maior facilidade para que esse projeto de vida seja pensado de uma forma mais saudável.

Na Cena 2 do documentário, na categoria Envolvimento dos Jovens, Rodrigo afirma que o jovem deve ser inserido ao tema justamente para que tenha responsabilidade sobre sua própria saúde e direito sexual, seu propósito de vida e parte de sua história, refletindo não só nele mesmo quanto, também, ao seu redor. Na Cena 6 do documentário,

na categoria O Poder do Conhecimento, Flávia reflete que, ao possuir conhecimento, o jovem torna-se agente que propaga o pensamento, que nutre uma sociedade responsável e que eleva seu nível de cidadania e co-responsabilidade coletiva, além de conversar com maior naturalidade sobre o assunto e, assim, influenciar a sociedade. Rodrigo completa afirmando que o adolescente torna-se um multiplicador desse conhecimento tanto dentro na escola quanto em outras das suas relações. Ambos concordam com Gerhardt (2001), que afirma que a educação libertadora ou transformadora é aquela que trabalha com uma visão de sujeitos potencialmente autônomos, capazes de praticar a solidariedade, instruindo-se de forma a promover a autorreflexão. Nesse sentido, a educação é entendida como uma prática de libertação, que desperta no sujeito a sua capacidade de promover a humanização, esforçando-se em uma perspectiva conjunta para mudar o sistema escolar, social e político. Conforme Gramsci (em Rodrigues, 1984), o conhecimento transmitido e assimilado pelo indivíduo só terá valor se colocado em prática de maneira efetiva em uma relação com o social, isto é, com os demais indivíduos e com a natureza. Portanto, o desenvolvimento do indivíduo deve trazer contribuições ao desenvolvimento da sociedade.

Ainda sobre sexualidade, na Cena 5 do documentário, na categoria Diferenças: Sexo e Sexualidade, Flávia reflete sobre o tema, também, tratar sobre o desejo vital, pulsão de vida, alegria e tristeza, afeto e ética nas relações. Diante disso, Rodrigo complementa afirmando que envolve respeito ao outro e valores universais, como justiça e solidariedade, que são considerados a base para qualquer relação, independente do âmbito dessa relação. Segundo Aranha e Martins (2009), a sexualidade também é a comunicação com o mundo e com o outro.

Na Cena 7 do filme, na categoria Família e Contexto Social, Zac, sem compreender seus sentimentos e sentir raiva por seus desejos sexuais em homens, bate em seu colega homossexual em decorrência da não aceitação de si próprio. Nessa cena, o protagonista lida com a situação de forma não saudável, demonstrando dificuldade no processo de tomada de decisão e sem qualquer respeito com o outro. Na Cena 11 do documentário, na categoria Percepções do Projeto, uma aluna discorre sobre suas percepções acerca da iniciativa e afirma que este possibilitou melhora no convívio e respeito entre os colegas, visto que há maior compreensão entre eles e que visualiza mudanças em seus comportamentos. Para Saviani (2003), um dos grandes desafios da educação contemporânea é a efetivação desta enquanto instrumento principal de transformação da

sociedade, podendo contribuir de maneira significativa e relevante para provocar a mudança das pessoas, dos grupos sociais e das instituições.

Sobre a importância familiar e o tabu, muitas vezes, encontrados nesse contexto, na Cena 10 do documentário, na categoria Família e Meio Social, Rodrigo afirma que a família possui papel fundamental e que é importante pensar sobre toda a rede que está em torno do jovem, seja a família, a escola, a religião ou os meios de comunicação. Isso, pois todos esses aspectos fazem parte da formação desse jovem, visto que, muitas vezes, a temática é uma dificuldade para a própria família, sendo considerada um tabu. Além disso, é entendida como um tema que talvez não tenha sido abordado nas gerações anteriores. Nesse momento, o especialista cita a frase do pai de um estudante que diz: “ninguém dá aquilo que não recebeu”, referindo-se acerca da impossibilidade de transmitir para os filhos um conhecimento que não recebeu, seja sobre orientação sexual, prevenção ou outros assuntos que envolvam a sexualidade e que talvez sejam difíceis de lidar para os próprios pais com eles mesmos. Desse modo, integrar e trazer a família para fazer parte desses projetos é fundamental, já que a família também apresenta vulnerabilidade nesses aspectos.

Ao longo de todo filme, Zac demonstra intensos conflitos e dificuldades em suas relações familiares, devido à família ser extremamente religiosa, não ter possuído conhecimentos prévios sobre sexualidade, visto que seus pais também foram criados a partir de uma visão religiosa e dogmática, acreditando no que lhes foi ensinado como inquestionável e imutável. Na Cena 8 do filme, na categoria Família e Contexto Social, ao descobrir que Zac havia tido uma relação homossexual, Gervais, seu pai, afirma que o protagonista teria feito algo terrível e imperdoável, afirmando que não se nasce homossexual, que se torna, o que pode, então, ser modificado. Gervais segue afirmando que ou se é homem ou se é mulher, nada além disso; sugere, também, pagar um psicólogo para que o faça mudar, visto que criou um homem e não “uma bichinha”, pontuando que a sexualidade de Zac só pode ser uma doença e, portanto, deve ser curada.

Na Cena 9 do filme, ainda na categoria Família e Contexto Social, Gervais afirma a Zac que ele não é o que acredita ser e que não pode abandonar o que há de mais belo na vida, que é ter filhos, posto que não há dor maior do que perdê-los. Afirma, ainda, que se Zac não mudar, ele não poderá aceitá-lo, o que denota completo desconhecimento e incompreensão do pai sobre sexualidade. Para Aranha & Martins (2009), a sexualidade humana não é simplesmente biológica, nem se submete à mera imposição das regras sociais, é, portanto, a expressão do que se deseja, o que se escolhe, o que se ama.

Flávia, ainda na Cena 10 do documentário, na categoria Família e Meio Social, afirma que trazer a família para a roda de conversa é permitir que se ouça diferentes pontos de vista, crenças e valores e é necessário integrar isso, possibilitando um conforto para a criança de que ela não precisa estar entre o que é ensinado em aula e/ou na família. Rodrigo completa que trazer a família para a discussão é fundamental para que a família também possa refletir sobre esses valores, visto que os conceitos não são eternos e que é necessário refletir e ter liberdade de dialogar sobre eles.

Zac, na Cena 10 do filme, na categoria Família e Contexto Social, tentando conquistar a aprovação da família, começa a namorar uma garota, mesmo que isso não lhe traga felicidade e que seus desejos homossexuais continuem existindo. Faz isso com o intuito de – finalmente – conquistar a paz com a família, todavia verbaliza que a sua sexualidade passou a ser um tabu, um assunto intocável entre os membros da família.

Na Cena 11 do filme, ao não conseguir esconder seus sentimentos e ser descoberto novamente pelo pai, Zac é mandado embora e, já longe da família, na Cena 12 do filme, ao ter relações com outro homem, sente-se observado pelo pai e as palavras ditas por sua família, pelos membros da igreja e da escola ecoam em seus pensamentos. Nesse momento, Zac sente-se culpado e se dilacera entre seus desejos e aquilo que aprendeu em sua criação sobre o que seria correto ou não. Veiga (2008) reforça a necessidade de resgatar a escola como um espaço público, um local de debate e de diálogo, voltado à reflexão coletiva. Para Saviani (2003), a educação é mutável, é dinâmica e possui plenas condições para idealizar e construir uma sociedade mais cidadã e democrática.

Ressalta-se, por fim, que muito do sofrimento de Zac se dá por não compreender sua sexualidade como algo normal e válido, além de não possuir conhecimento sobre a sua naturalidade, informação que seus pais também não receberam. Essa ausência de saberes culmina em seus preconceitos e interfere diretamente em Zac e no contexto familiar. Como ressaltam Asinelli-Luz et al. (2007), temas como aborto, preconceito, orientação sexual, exploração sexual e violência sexual, por exemplo, raramente são trabalhados na escola e implicam em uma crescente necessidade de o sistema escolar rever seus próprios fundamentos (Seffner, 2007).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral identificar possíveis benefícios e entraves do estudo da sexualidade no ambiente escolar para crianças e adolescentes. Os objetivos específicos possibilitaram reunir conteúdos teóricos que serviram de subsídio para a construção da compreensão da temática, aliados à elaboração da relação com as fontes escolhidas. Para a maior compreensão a respeito do desenvolvimento humano na infância e na adolescência, da relação com a sexualidade humana e do ensino voltado à sexualidade em cada faixa etária foi construída uma revisão da literatura que abordou os estágios do desenvolvimento cognitivo na concepção de Piaget e psicossocial na concepção de Freud, principalmente na obra *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (Freud, 1905/1996). Além da concepção de diversos autores que discorrem sobre a sexualidade humana e de perspectivas de educação no contexto atual. Desse modo, finalmente, fez-se possível o emparelhamento dos conteúdos reunidos com dois artefatos culturais, propondo a ligação entre teoria e prática.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, tornou-se possível identificar as particularidades de cada faixa etária. Além disso, abordou-se o processo de desenvolvimento humano e tudo que tange a sexualidade além do imaginário popular, proporcionando, assim, um maior entendimento sobre as diferentes maneiras de abordar o tema.

A análise e interpretação dos resultados obtidos por meio do artefato cultural *C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor* (Vallée, 2005) tornou evidente a importância do conhecimento, visto que a falta deste pode causar danos à saúde física e mental dos indivíduos, bem como interferir em suas relações com o outro e consigo. Além disso, o artefato cultural *Sala de Aula - Educação Sexual* (Menezes, 2019) mostrou-se uma escolha assertiva para o alcance dos objetivos propostos e possibilitou um maior entendimento acerca de questões atuais do ensino da sexualidade nas escolas. Isso, pois demonstrou possíveis formas de abordagem do tema, além de refletir sobre os entraves e os benefícios causados na vida dos estudantes a partir do ensino da sexualidade nesse ambiente, fazendo um contraponto com o filme *C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor* (Vallée, 2005), o que agregou ao debate proposto.

Zac, o protagonista, demonstra sofrimento desde sua infância ao não compreender as diversidades do ser humano, visto que não recebeu validação sobre os seus sentimentos

e personalidade e se esgotou emocionalmente, a fim de buscar incessantemente tornar-se igual aos homens da família e aos seus colegas. Desde o primeiro contato, na adolescência, com a sua homossexualidade, Zac nutre sentimentos negativos em relação a si mesmo, visto que a única informação na qual teve contato era a de que ser homossexual era sinônimo de ser pecador, rejeitado e infeliz. Crescendo com essa perspectiva, Zac colocou-se em situações de risco, forçou-se a viver de forma que lhe trazia intenso sofrimento, abdicando de si para se encaixar e tornou-se agressivo, o que causou prejuízos sociais e emocionais em sua vida e na forma como via a si.

O documentário *Sala de Aula - Educação Sexual* (Menezes, 2019), além de trazer questionamentos atuais e válidos sobre o tema, também traz a perspectiva de jovens que tiveram contato com a educação em sexualidade no ambiente escolar, evidenciando os benefícios dessa discussão para eles. Esses benefícios são, por exemplo, o sentimento de pertencimento, autoconhecimento, autoconfiança e segurança para ser o que se é e buscar auxílio em meio às dúvidas e reflexões existentes, quebrando tabus e melhorando a convivência entre os jovens e destes com seu meio social, o que poderia ter sido importante para Zac.

Essa temática encontra-se apenas no começo de seus debates e ainda há muito o que se explorar a respeito. Como foi trazido ao longo da discussão, ainda há um tabu a ser rompido, além da necessidade de criação de espaços para o diálogo. Entretanto, faz-se de relevante que continuemos a discutir, a fim de possibilitarmos melhoras no sistema educacional e, conseqüentemente, na vida dos indivíduos como um todo. Desse modo, será possível caminhar para uma sociedade com mais respeito à diversidade, maior compreensão sobre o outro e sobre si mesmo, prezando pela liberdade e pela saúde física e mental de cada indivíduo.

## REFERÊNCIAS

- Agência Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). *PNAD contínua 2018: educação avança no país, mas desigualdades raciais e por região persistem*. Acesso em 20 de setembro de 2021 de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24857-pnad-continua-2018-educacao-avanca-no-pais-mas-desigualdades-raciais-e-por-regiao-persistem>
- Altmann, H. (2001). Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Estudos Feministas*, 9(2), 575-585. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200014>
- Aranha, M. L. de A. (1996). *Filosofia da educação* (2a. ed. rev. e ampl.). São Paulo: Moderna.
- Aranha, M. L. de A., & Martins, M. H. P. (2009). *Filosofando: introdução à filosofia – Manual do professor*. (4a. ed.). São Paulo: Moderna.
- Asinelli-Luz, A., Morales, C., & Manikowski, T. S. (2007). Educação sexual: perfil e prática de educadores/as [Anais]. In *Mostra Saúde e Prevenção nas Escolas*. Brasília, Brasil: Universidade de Brasília.
- Brasil. (13 jul., 1990). *Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Acesso em 05 de setembro de 2021 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)
- Brasil. (20 dez., 1996). *Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Acesso em 30 de outubro de 2021 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)
- Brasil. (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual* [Versão Eletrônica]. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF. Acesso em 01 de novembro de 2021 de <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>
- Brasil. (1998a). *Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual*. [Versão Eletrônica]. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. Acesso em 02 de setembro de 2021 de <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>

- Brasil. (1998b). *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais* [Versão Eletrônica]. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. Acesso em 02 de setembro de 2021 de <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>
- Britzman, D. (1998). Sexualidade e cidadania democrática. In L. H. da Silva (Org.), *A escola cidadã no contexto da globalização* (2a. ed.; pp. 154-171). Petrópolis/RJ: Vozes.
- Chauí, M. de. (1984). *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida* (7a ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Dinis, N. F. (2006). Educação, cidadania e as minorias sexuais e de gênero. In M. A. Schmidt & T. Stoltz (Orgs.), *Educação, cidadania e inclusão social* (pp. 130-135). Curitiba: Aos Quatro Ventos.
- Ferreira, D. de J. V. (2014). As fases do desenvolvimento psicosexual humano. *PetDocs*. Acesso em 02 de novembro de 2021 de [http://petdocs.ufc.br/index\\_artigo\\_id\\_398\\_desc\\_Psicologia%20M%C3%A9dica\\_página\\_subtopico\\_50\\_busca](http://petdocs.ufc.br/index_artigo_id_398_desc_Psicologia%20M%C3%A9dica_página_subtopico_50_busca)
- Figueiró, M. N. D. (2006). *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. Campinas/SP: Mercado de Letras.
- Fleuri, R. M. (2006). Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. *Educação e Sociedade*, 95(27), 495-520.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade: a vontade de saber* (Vol. 1; M. T. da C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trans.). Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. [Versão Eletrônica]. (Ó. C. Muniz, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VII; pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905). Acesso em 31 de maio de 2021 de <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf>
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização [Versão Eletrônica]. (Ó. C. Muniz, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI; pp. 38-92). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930). Acesso em 31 de maio de 2021 de <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf>

mpletas-imago-vol-21-1927-1931.pdf

- Furtado, C. (2013). Ciência para quê e para quem?. In R. M. D'Aguiar (Org.), *Essencial Celso Furtado* (pp. 482-487). São Paulo: Penguin.
- Gagliotto, G. M. (2009). *A educação sexual na escola e a pedagogia da infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, Brasil. Acesso em 10 de setembro de 2021 de [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_a9d2ebe31701f5a16ec1ec3ac48e1a3d](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_a9d2ebe31701f5a16ec1ec3ac48e1a3d)
- Gerhardt, H. (2001). Educação libertadora e globalização. In A. M. A. Freire (Org.), *Pedagogia da libertação em Paulo Freire* (pp. 153-170). São Paulo: Unesp.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a. ed.). São Paulo: Atlas.
- Infogram. (2021). *Temas adequados para a discussão com cada faixa etária*. Acesso em 15 de setembro de 2021 de <https://infogram.com/temas-adequados-para-a-discussao-com-cada-faixa-etaria-1hxr4z8kpqey4yo>
- International Institute for Management Development. (2020). *World Competitiveness Yearbook* [Versão Eletrônica]. Lausanne/CH: International Institute for Management Development. Acesso em 01 de novembro de 2021 de <https://worldcompetitiveness.imd.org/eshop/>
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (H. Monteiro & F. Settineri, Trans.). Porto Alegre: Artmed.
- Lima, J. C., & Cunha, I. A. (2019). Parâmetros curriculares nacionais: uma questão de gênero e diversidade sexual na educação contemporânea. *Revista Cantareira*, (24), 178-185.
- Lück, H. (2010). *A gestão participativa na escola* (6a. ed.; Vol. III). Petrópolis: Editora Vozes.
- Luckesi, C. C. (1994). *Filosofia da educação* (14a. reimp.). São Paulo: Cortez.
- Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação sexual: princípios para ação. *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 15(1), 41-51.
- Menezes, L. (Produtora). (2019). *Sala de aula - Educação sexual* [Documentário]. Brasil: TV Câmara de Campinas.

- Ministério da Saúde. (21 fev., 2017). *Ministério da Saúde convoca nova geração a usar camisinha*. Acesso em 20 de outubro de 2021 de <https://antigo.saude.gov.br/noticias/svs/27668-ministerio-da-saude-convoca-nova-geracao-a-usar-camisinha>
- Organização Mundial da Saúde. (2020). *Saúde sexual, direitos humanos e a lei* [Versão Eletrônica]. Porto Alegre: UFRGS. Acesso em 13 de setembro de 2021 de <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf>
- Paiva, V. (1996). Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In R. Parker & R. M. Barbosa (Orgs.). *Sexualidades brasileiras* (pp. 213-234). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Pedroso, M. (02 jan., 2021). Fala, adolescente!. *Agência Brasília*. Acesso em 29 de novembro de 2021 de <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2021/02/01/fala-adolescente/>
- Piaget, J. (1973). *O nascimento da inteligência na criança* (4a. ed.; A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Rappaport, C. R. (1981). *Psicologia do desenvolvimento* (Vol. I). São Paulo: EPU.
- Rodrigues, N. (1984). *Lições do príncipe e outras lições* (2a. ed.). São Paulo: Cortez/Autores Associados.
- Rossi, C. R., & Freitas, D. C. de. (2014). As tecnologias de informação e comunicação – TIC na formação de professores(as) em educação sexual: o caso das E-Oficinas na I COES. *Educação: Teoria e Prática*, 24(45), 98-118.
- Saviani, D. (2003). *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política* (36a. ed.; Vol. 5). Campinas: Autores Associados.
- Seffner, F. (2007). Educar para a valorização da diversidade e da diferença: os muitos desafios no meio do caminho. In E. Pasini (Org.), *Educando para a diversidade* (pp. 30-34). Porto Alegre: Nuances.
- Souza, H, P. de. (1999). *Orientação sexual: conscientização, necessidade e realidade*. Curitiba: Juruá.
- Suplicy, M., Egypto, A. C., Castelo Branco, C., Gonçalves, E. V., Sayão, Y., Silva, M. R. da S., Bock, S. D. et al. (1999). *Sexo se aprende na escola* (2a. ed.). São Paulo: Olho D'água.
- Vallée, J. (Produtor). (2005). *C.R.A.Z.Y. - Loucos de amor* [Filme]. Brasil: Quebec Films.
- Veiga, I. P. A. (2008). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In

I. P. A. Veiga (Org.), *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível* (24a. ed.; pp. 11-36). São Paulo: Papirus.

Vidal, D. G. (1998). Sexualidade e docência feminina no ensino primário do Rio de Janeiro (1930-1940). In C. Bruschini & H. B. Hollanda (Orgs.), *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil* (pp. 281-314). Rio de Janeiro: FGV.